

VIDA LITERÁRIA

SOLEDADE

Sergio Buargue de Holanda

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

NOS poemas de Antônio Santos Moraes, o autor de *A Nuvem de Fogo* (Rio de Janeiro, edições "Literatura", (1948) procuráramos inutilmente o profuso arsenal que se ostenta em certa poesia moderna. Sua imaginação poética harmoniza-se com sua inspiração predominante, que é unitária. Não de uma unidade exterior e deliberada, como parece ser, de certo modo, a *Ode ao Crepúsculo* de Ledo Ivo, que apesar de conter passagens das mais admiráveis de nossa atual poesia, deixa, não raro, a impressão de ter sido por vezes artificialmente alongada para atender a um plano prévio, ficando, no entanto, à mostra, algumas marcas da costura. Aqui a unidade nasce da própria singeleza dos motivos que impregnam e fazem a razão de ser da poesia. E esses motivos vão formar, por sua vez, como uma constelação em volta de um tema único, o velho tema da inanidade da vida presente.

Nada pode compensar aqui essa inanidade; e o tédio que germina das insistentes derrotas é apenas uma fatalidade, não é uma sabedoria. Ela nos ensina, quando muito, a solidão estéril, onde

o vazio da existência
Cresce como um aneurisma,

e também, a certeza, o desejo, por vezes a esperança da treva final, que há de ser, no entanto, começo de outra e "misteriosa solidão".

Nessa existência física sempre ameaçada e declinante, resumo e continuação de outras existências, hoje remotas (como os guardados do "Armário Antigo", a lembrarem:

Tu estás distante no tempo, mas um fio misterioso
Liga inexoravelmente a tua vida
Aquelas reliquias, às vezes destroços de outras vidas),

a própria noite, que para muitos é condição de poesia, converte-se em transitória imagem da morte.

Essa filosofia, aparentemente tão pessimista e negadora, não leva, contudo, ao caminho do desespero, pois o poeta encontra um porto seguro em tudo quanto, ajudando a abolir nossas vontades particulares, e por isso nossas ambições e valdades, nossa tortura e nosso tédio, é remédio para as misérias terrenas. Há o sono, que "despersonaliza os homens":

O sono que mata o tédio
E confunde as aparências,
Que paraliza e desfaz
Nossos gestos e instintos,
Pensamentos e remorsos.

Há também a luta por um comum anseio, que faz vibrar os "corações aflitos", mas em cujo torvelinho renunciámos de algum modo a nós mesmos e alcançamos, no melhor caso, a "alegria mecânica das vitórias":

Já não somos nós mesmos.
Os que morrem nos transmitem ódios e dores
E nós nos transfiguramos totalmente.
Somos herdeiros de milhões de mortos,
De seus sentimentos, amores, aflições,
Esperanças, sonhos, desesperos.

Somos fantasmas. Os mortos nos conduzem
Para os campos de guerra.

Há além disso a visão do Oceano, que suprimindo o "amargor dos venenos sutis" e o "consólio das mistificações", nos dá uma lição de fraternidade, lembrando aos homens particulares, como na balada célebre de Paul Fort, que bem poderiam dar-se as mãos, derrubando as barreiras e as diferenças que os separam:

Aproxima-te do mar, homem desesperado!
Ele te dará a sensação das distâncias que se unificam
Pela força de um ideal de solidariedade e amor.
Olha os grandes navios desaparecendo além,
E se puderes compreender a mensagem do oceano
Que une muitas terras e banha todos os portos,
Que não tem fronteiras e é sempre o mesmo, o grande mar,
Serás um homem renascido!

E há, por fim, a noite vinda através dos séculos, e que "caminha até nós, de dentro de nós mesmos":

A noite vem... mas uma nuvem de fogo
Surge com um esplendor rubro de alvorada
E o nosso coração se abraça ao seu calor.
Ilumina e transfigura a escuridão,
E os nossos olhos vêem através das trevas
Tudo o que existe além da noite...

E a poesia de *Nuvem de Fogo* gira, toda ela, em torno de um nú-

mero reduzido de motivos centrais, e se esses motivos alcançam nela como uma transfiguração pessoal, não se pode dizer que cheguem a determinar uma forma própria. Embora, como acima foi notado, não haja nesta obra nada que lembre as manifestações mais recentes de nossa poesia, na medida em que procura desfazer-se das marcas deixadas pela influência de autores pertencentes a gerações anteriores, é que ela se filla muito mais, do ponto de vista formal, às realizações de alguns desses autores, sobretudo às de um Carlos Drummond de Andrade.

Isso não constitui, certamente, elogio, numa época que ainda não se desprende a superstição herdada do romantismo, que erige em mérito supremo, para um escritor, sua completa autonomia em face das influências exteriores, e reclama a qualquer preço a própria originalidade. Contudo é difícil evitar esta palavra — originalidade — tantas vezes mal usada e mal exaltada, diante dos poemas que se reúnem em *Visão de Paz*, de Maria Isabel (Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1948). Não conheço outros livros da autora, mas estes versos mostram uma realização madura e plena, que não tem verdadeiramente similar na de outros poetas brasileiros. Ou, quando muito, poderiam sugerir alguma aproximação com outra voz feminina, a do autor de *Baladas para El Rei* e de *Viagem*. Nos dois casos vamos encontrar, por vezes, a mesma ambição de fundir com algumas das expressões mais finas da sensibilidade moderna, os velhos ritmos populares. E tão bem sucedida que pode resultar em versos como estes de *Visão de Paz*, onde um clichê de gosto simbolista se associa organicamente ao conjunto, perdendo o cunho convencional.

Verel teu rosto sereno
Pelo caminho ficar.
Bem hajás tu que adormeces.
Mas eu sou de caminhar.

Tua lembrança comigo,
Senhor, vestido de luar.

Mas a lembrança de Cecília Meireles serviria ao menos para frizar o que enfim é inevitável frizar nos versos que se reúnem neste livro: a qualidade bem feminina de sua inspiração. E ocorre pensar a propósito nas palavras que há setenta anos escreveu Rosalia Castro, em sua saborosa linguagem galega: "Nos (as mulheres) somos arpa de soyo duas cordas, a imaxinación y o sentimento..." Se ao menos nos dias que correm, a harpa se fez mais complexa, comportando até o "duro trabalho da meditação", que para a grande lírica da península era incompatível com a condição de mulher, nem sempre esse pensamento consegue repousar nos desertos da abstração pura. Nos poemas (ou não seria melhor no poema?) de *Visão de Paz*, mesmo onde o mundo que nos representa parece ideal e obscuro, liberto das circunstâncias de tempo e lugar, despojado de contornos terrenos, a verdade é que prevalece neles uma fina tessitura de emoções, jamais uma construção da inteligência.

Isso poderá explicar, talvez, a escassa novidade e a pouca audácia das suas metáforas, que isoladas do contexto podem deixar com frequência a sensação do já visto e do estereótipo. De onde a dificuldade de se separarem partes do poema e mesmo do livro inteiro. A obra feita poetisa só pode ser devidamente apreciada se a tomarmos em seu conjunto. Sua linguagem é a da emoção que, desprezando contorções e artifícios, não pode ser impunemente fragmentada.

Quando muito pode-se dizer que certas imagens repetidas, que ajudam a provocar a atmosfera peculiar a estas poesias e que respiram essa mesma atmosfera. Na última e maior parte do livro — o poema *Os inimigos* — uma insistente reiteração de formas que sugerem nitidez, timbre metálico, translúcido brilho, casa-se admiravelmente com a expressão constante da vitória alcançada na própria solidão, de altivez serena na humildade, de renúncia sem derrota, de tudo, enfim, quanto se traduz, embora incompletamente, nestes poucos versos:

Pertencem-te os pés e levá-los tu podes
Para os caminhos de gelo, os solitários penhascos
As terras de amarga coreografia.

Mas esta tristeza é minha! A lâmpada
Está acesa e independe de ti.
Diante de teu nome,
Incessante e dourada, fulgirá.

Em outro livro de mulher — *Caminho*, de Ilka Brunilde Laurito (São Paulo, Julho de 1948), reaparece o tema da solidão, mas desamparado, agora, do sentimento afirmativo que corôa a inspiração de Maria Isabel. Aqui a solidão não ultrapassa a fase de frustração, de esperança incerta:

Pobre nota isolada
À procura de acordes

— e é companheira da nostalgia impotente e da languidez. Não busca vencer-se a si mesma com as próprias forças, mas se refugia no reino do impermanente e do fugaz. E perde-se nas formas da natureza, sobretudo na natureza vegetal, o que lhe permitirá descortinar o "milagre das renovações tranquilas". Ou dissolve-se em cântico, em música, em dança.

Não se espere encontrar a intensidade artística, a extraordinária beleza formal, que nascem em parte do tirocinio atento, e se encontram tão manifestas em *Visão de Paz*. A substância destes versos é feita de aspiração ainda não satisfeita, de expectativa, de perplexidades, de hesitações, de inseguranças. Ilka Brunilde Laurito pode transfigurar tudo isso em versos que se acomodam bem à realidade de sua experiência. *Caminho* é livro de estréia, e de autora ainda muito jovem, mas já rico de poesia. O mesmo não se pode dizer de muitos livros de estréia.

Para remessas de livros: — Rua Haddock Lobo, 1625. São Paulo (Capital)